



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Política Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Seguridade Social – Políticas de Saúde, Políticas de Previdência Social,**

**Políticas de Assistência Social**

## **CAPITALISMO, ADOECIMENTOS E O CUIDADO DE SI**

**CELIANE FERNANDES VIANA MARQUES<sup>1</sup>**

**DANÚBIA NOGUEIRA DA ROCHA CHAVES<sup>2</sup>**

**MANUELA PATRÍCIO ALBUQUERQUE DE FREITAS<sup>3</sup>**

**NATÁLIA CESÁRIO DA SILVA<sup>4</sup>**

**LÚCIA CONDE DE OLIVEIRA<sup>5</sup>**

### **RESUMO**

Objetiva-se compreender como as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde contribuem para mitigar os adoecimentos produzidos pelo capital por meio da promoção da saúde e o cuidado de si. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada no Ekobé que não é regido pela lógica do capital, mas pelo diálogo e escuta. Nele, todos desenvolvem autonomia para iniciarem um caminho para o cuidado de si.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Educação Popular; Saúde; Cuidado de Si.

### **ABSTRACT**

The aim is to understand how Integrative and Complementary Health Practices contribute to mitigating illnesses caused by capital through health promotion and self-care. This is a qualitative study carried out at Ekobé, which is not governed by the logic of capital, but by dialogue and listening. In it, everyone develops autonomy to begin a path towards self-care.

**Keywords:** Capitalism; Popular Education; Health; Self-care.

---

<sup>1</sup> Laboratório de Seguridade Social e Serviço Social - Universidade Estadual do Ceará

<sup>2</sup> Laboratório de Seguridade Social e Serviço Social - Universidade Estadual do Ceará

<sup>3</sup> Laboratório de Seguridade Social e Serviço Social - Universidade Estadual do Ceará

<sup>4</sup> Laboratório de Seguridade Social e Serviço Social - Universidade Estadual do Ceará

<sup>5</sup> Laboratório de Seguridade Social e Serviço Social - Universidade Estadual do Ceará



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## 1. INTRODUÇÃO

Na Grécia antiga, o cuidado de si era uma prática comum entre os povos, havia autorresponsabilização em relação ao cuidado com o corpo e com a alma. Nessa época pré-filosófica, já haviam registros do tema cuidado de si, mas foi com Platão, que apresenta Sócrates como o mestre do cuidado de si, que o assunto teve uma expansão e passou a ser de fato documentado numa perspectiva ética estética.

Os antigos acreditavam que a política e o cuidado de si estavam relacionados numa perspectiva da expansão de consciência cósmico-política. Em Epicteto, Foucault ratifica encontrar a maior elevação filosófica sobre o cuidado de si, porque o ser humano foi a única criatura confiada a esse processo. Isso implicava em “um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação” (Foucault, 1985, p. 53).

Com o desenvolvimento da sociedade moderna, esse cuidado de si foi sendo ressignificado, e ao mesmo tempo dissolvendo-se e sendo absorvido pelo capital, que mercantiliza o cuidado e o autocuidado, tornando difícil o acesso aos trabalhadores a práticas que contribuem para sua saúde pelo seu alto custo no mercado e pela lógica, de “não se tem tempo”. Exceto uma parcela dos povos originários mantém esse cuidado e autocuidado por meio de suas práticas e crenças de forma coletiva e solidária.

Com o advento do capitalismo, o processo saúde-doença-cuidado torna-se mercadoria e esse processo encontra seu determinante e/ou condicionante na exploração da força de trabalho e na expansão do capitalismo para várias dimensões da vida humana.

Assim, para a construção do presente trabalho, foi preciso dar um salto e chegar ao modo de produção capitalista e a categoria trabalho como central para a compreensão das relações sociais e da história da humanidade a partir de uma perspectiva ontológica. A análise é fundamentada na perspectiva da totalidade social, que considera o processo saúde-doença-cuidado assentado nos determinantes individuais, econômicos, sociais, políticos e culturais sobre o embate entre capital e trabalho.

Com as novas formas de acumulação flexível, segundo Antunes (2018), passou-se a impor à classe-que-vive-do-trabalho<sup>6</sup>, patamares salariais e condições de existência cada vez mais rebaixados, associada a ritmos de produção intensificados e jornadas de trabalho

<sup>6</sup> De acordo com Antunes (1999) esse conjunto de trabalhadores se apresenta na atualidade de forma multifacetada, complexa e heterogênea.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

prolongadas, acentuada pela desorganização do movimento operário e sindical. Dessa forma, produzindo indicadores de acidentes e doenças profissionais cada vez mais altos e as condições de vida dos trabalhadores bastante precárias. Corroborando com esse pensamento, Alves (2013) compreende que sob a nova dinâmica do capitalismo global, tornam-se incompatíveis o modo de produção capitalista e a saúde do trabalhador. Uma das principais manifestações da precarização do trabalho no capitalismo global é o adoecimento da subjetividade do trabalho vivo sob as condições da ordem salarial. Os transtornos mentais, em geral, “correspondem a 12% das doenças no mundo e a 1% da mortalidade” (Hiány et al., 2018, p. 3).

Como forma de resistência, os movimentos populares e os espaços ocupacionais de saúde e programas de extensão universitária adotam a Educação Popular em Saúde (EPS) e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como forma de expressão e de contestação do modelo hegemônico de produzir saúde, centrado na doença e na hierarquização do saber médico. Contudo, esses movimentos são contra-hegemônicos mesmo sendo referendados por políticas nacionais do Sistema Único de Saúde.

A experiência do exercício das PICS, no Espaço Ekobé da Universidade Estadual do Ceará, de forma compartilhada e gratuita, comprova que é possível exercer novas formas de produzir saúde e de cuidado de si, com base na amorosidade, solidariedade, no diálogo entre o saber científico e o saber popular; construindo novos saberes e novas práticas sem hierarquia de saberes e com muita troca de conhecimentos e experiências. Corroborando com esse pensamento, Andrade (2021 p.18) assevera que as práticas de cuidado e formação implementadas no Ekobé consideram as pessoas em todas as dimensões humanas e por considerarem o cuidado além da dimensão biomédica.

O objetivo geral deste estudo é compreender como as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde podem contribuir para mitigar os adoecimentos produzidos no capitalismo por meio da promoção da saúde e possibilidade para o cuidado de si. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com a produção de dados por meio de levantamento bibliográfico, documental e de campo, com entrevistas semiestruturadas com as cuidadoras e cuidadores e usuárias (os) do Espaço Ekobé da citada Universidade, no ano de 2023. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará.

## **2. O CUIDADO DE SI E O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA-CUIDADO NO MUNDO CAPITALISTA**



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Como já registramos, o cuidado de si era um tema na antiguidade grega. Mas foi durante os dois primeiros séculos da era cristã que ele atingiu seu apogeu. Assim, percebe-se o cuidado de si, como forma do olhar mais atencioso do homem consigo, regressando a si, e percebendo de uma maneira mais ampla a conduta consigo e com o outro, que também é dotado de sentimentos e desejos.

O cuidado de si, surge na Grécia Antiga, como uma forma de cuidar de si para participar do governo junto à pólis, ultrapassando a ignorância, correspondendo a uma linhagem espiritual do pensamento. Segundo a qual, o acesso à verdade é através do cuidado com a alma, com a dedicação ao desenvolvimento das virtudes, com o autoexame, com práticas de meditação, retiro espiritual, leituras, cuidados com o corpo. Para que seja efetivo, torna-se necessário praticar constantemente todos os dias. É um preceito fundamental do ponto de vista filosófico e moral (Wanzeler, 2011).

A semelhança entre as dimensões política e ética do cuidado de si é uma postura ativa, uma inquietação daquele que se propõe a pôr em prática os exercícios do cuidado. Partindo de um conceito não individualista, para ingressar nesse ramo, havia uma ética de bem governar a si mesmo para governar o outro e governar a cidade.

As várias transmutações que foram acontecendo nas civilizações gregas e romanas, pelo declínio das cidades estado e do império, ocorre aí mudanças enquanto a organização de um espaço complexo, descontínuo, mais flexível e menos hierarquizado, ocasionando mudanças nas condições do exercício do poder.

De início, havia uma hiper valorização do cuidado de si pela conexão com a política. O livro escrito por Platão relatando os diálogos de Sócrates com “Alcebíades” no período do alto império romano detalhou a vida de um jovem querendo ingressar na política, assim o filósofo passa a lhe questionar os passos para se tornar um político. Já que aquele que cuida de si, de forma contínua, prestando atenção a todas as necessidades e harmonia fisiológica e espiritual, junto dos seus afazeres, das suas funções, saberá manter as relações adequadas e prudentes para com seus entes próximos. Portanto, o cuidado de si é imprescindível para a constituição da subjetivação do sujeito em constante interação com o outro, permitindo uma contemplação moral e ética. O indivíduo devia definir para si uma maneira de viver, um modo de relação consigo, com o próprio corpo, com o alimento, com o sono e com as diferentes atividades e o meio sobre o qual se exercem (Foucault, 1985).

Por conseguinte, a cultura do cuidado dentro do cenário grego-romano deveria atender



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

a um conjunto de valores de coordenação e hierarquia, mais exclusivo ao campo de homens das classes dominantes, por isso os registros das figuras femininas se relacionam com suas posições de esposa e cuidadora da casa, não mais que isso. Assim, a crítica que podemos levar até os dias atuais sobre o cuidado de si, é como os homens e mulheres da classe que vive do trabalho encontram as condições necessárias para o cuidado de si para prevenir ou tratar os adoecimentos que os afeta.

Contudo, os séculos seguintes marcam o momento em que o cristianismo não exerceu apenas influência religiosa, também política e cultural. O domínio desse regime conveniente instituiu uma ideia de pecado em relação aos prazeres do corpo, ou seja, o cuidado de si, nesta perspectiva ampla que envolve o corpo e a alma, passou a ficar restrito aos cuidados com a alma. A renúncia do corpo e seus prazeres, dos bens materiais era preciso para salvar a alma em troca dessa ideia religiosa de redenção. A banalização dos cuidados se torna preocupante nesse período e não implica somente privação dos atos, mas como uma intensificação da relação consigo, na qual tenta constituir-se enquanto sujeito de seus atos e a hiper individualidade que inclui cada vez mais princípios privados de existência.

Essa individualização mais tarde irá constituir um novo modo de vida social, através de mudanças no campo político, de maneira que foram transformadas em condições nas quais se afirmava a ética do domínio de si de forma egoísta e violenta. Seguindo essas formulações, buscamos entrelaçar as particularidades dessa proposta do cuidado de si, enquanto potencial de problematizar a política na contemporaneidade pela necessidade de manter as massas controladas, restringindo a totalidade de suas vidas.

Com a modernidade, a tradição racionalista alcança seu espaço no Ocidente pelo conhecimento racional de Descartes, o precursor da ciência moderna com seu método cartesiano que visa um método indubitável, para ser possuidor das verdades, distanciando-se do universo sensível. É um fato que os princípios mecânicos na explicação da funcionalidade do corpo humano, tem sua enorme importância para o modelo biomédico usado hegemonicamente ao redor do globo, dado que ajudou a ciência a evoluir em muitos prismas. O avanço do modelo capitalista se torna atributo deste assunto, pois segundo a teoria marxista do valor, o tempo de trabalho é o que passa a dar valor às coisas. Então o ser humano, o único com capacidade de trabalho, tem seu tempo vigiado, esquadrinhado e controlado para gerar indivíduos produtivos que consigam desenvolver suas potencialidades e tornarem-se mais capazes de produzir. Portanto, a norma liberal se presta a criar indivíduos produtivos e dóceis, essas relações de poder estão

ligadas à utilização econômica desse corpo, como força de trabalho.

Essa forma de poder se multiplica e as exigências dessas novas formas, como o poder disciplinar e biopolítico sobre a vida, não deixar a potência da vida existir sobre você para respeitar as normas médicas determinadas para um controle, patologizar para medicalizar. E durante muito tempo o discurso e a prática médica esteve focada na cura das doenças e a prevenção e promoção da saúde ganham força muito tardiamente e ainda são contra-hegemônicas, especialmente, para os mais pobres que continuam presos à luta pela sobrevivência física, não tendo muitas das suas necessidades básicas satisfeitas. Com isso é preciso trazer para o debate o mundo da trabalho na contemporaneidade.

Para tanto, parte-se do entendimento de trabalho como categoria central e fundamental para a compreensão das relações sociais e da história da humanidade a partir de uma perspectiva ontológica. A análise é fundamentada na perspectiva da totalidade social, que considera que o enfoque de discussão do processo saúde-doença-cuidado deve estar assentado sobre o embate entre capital e trabalho. Entende-se que o trabalho não perdeu centralidade, conforme assinalado por Antunes (2000).

De acordo com Antunes (2018), a partir da década de 1970, em resposta a mais uma de suas crises, o capital empreende uma reorganização da produção e do trabalho visando à recuperação das taxas de lucro e dos níveis de expansão. No Brasil, na década de 1990, no contexto de vitória do neoliberalismo, a reestruturação produtiva se desenvolve, caracterizada por um processo desencadeado em meio a condições de exploração particulares e articuladoras de elementos herdeiros do fordismo com os novos mecanismos, próprios das formas de acumulação flexível. Esse cenário, passou a impor à classe-que-vive-do-trabalho<sup>7</sup>, patamares salariais e condições de existência cada vez mais rebaixados, associada a ritmos de produção intensificados e jornadas de trabalho prolongadas, acentuada pela desorganização do movimento operário e sindical. Dessa forma, produzindo indicadores de acidentes e doenças profissionais cada vez mais altos.

Alves (2013) compreende que sob a nova dinâmica do capitalismo global, tornam-se incompatíveis o modo de produção capitalista e a saúde do trabalhador. Entende que uma das principais manifestações da precarização do trabalho no capitalismo global é o adoecimento da subjetividade do trabalho vivo sob as condições da ordem salarial. No entanto, considera que a

---

<sup>7</sup> De acordo com Antunes (1999) esse conjunto de trabalhadores se apresenta na atualidade de forma multifacetada, complexa e heterogênea.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

manifestação aguda da precarização do trabalho em nossos dias acontece através das ocorrências de adoecimentos e doenças do trabalho.

Sob o capitalismo global, cada vez mais, tempo de vida se reduz a tempo de trabalho com a extensão das jornadas de trabalho, cumprimento de metas, intensificação das atividades laborais, crescente desemprego, aumento do emprego "autônomo", informal, temporário, domiciliar e subcontratado. Posto isto, o processo saúde-doença na sociedade reflete inevitavelmente a contradição capital-trabalho. Diante dessa realidade complexa e contraditória, os trabalhadores não têm tempo para cultivar o seu bem-estar, a sua saúde e o cuidado de si.

Na sociedade contemporânea, praticar "o cuidado de si" como descrito em Foucault (1985) como a emergência de uma "arte da existência" inteiramente nova, é realmente desafiador. Nesse sentido, o cuidado perde essa centralidade como arte de viver e passa a ser atribuição de um conjunto de profissionais, especialmente dos médicos e o indivíduo perde e/ou reduz seu protagonismo, principalmente, quando passa por um adoecimento. Essa realidade tem provocado alguns filósofos contemporâneos e uma parcela da categoria médica a questionarem os modos de cuidar do modelo biomédico. Este modelo submete profissionais e usuários à lógica das relações capitalistas.

Ayres (2004), destaca que quando o profissional da saúde não pode abster-se da escuta do que o outro (o paciente ou os grupos populacionais assistidos) deseja como modo de vida e como, para atingir esse fim, pode lançar mão do que está disponível (saberes técnicos inclusive, mas não só, pois há também os saberes populares, as convicções e valores pessoais, a religião etc.), então de fato já não há mais objetos apenas, mas sujeitos e seus objetos. Com isso a ação assistencial reveste-se efetivamente do caráter de cuidado, na perspectiva reconstrutiva. Dessa forma, conforme o referido autor, é fundamental compreender a importância do cuidar nas práticas de saúde e o desenvolvimento de atitudes e espaços de genuíno encontro intersubjetivo, reconhecendo e valorizando a subjetividade das pessoas que estão vivenciando os adoecimentos. Esse encontro é o exercício de uma sabedoria prática para a saúde, apoiados na tecnologia, mas sem deixar resumir-se a ela.

Nesse sentido, o Ekobé é um espaço onde se trabalha com as Práticas Integrativas e Complementares de Saúde, na perspectiva da educação popular em saúde, porque integra o científico e o popular, incluindo além das PICS reconhecidas pelo Ministério da Saúde outras práticas populares de cuidado, onde os saberes se misturam, trazendo uma dimensão expressiva da experiência popular que é a dimensão da inteireza e da integralidade. Dessa forma,

desenvolve práticas de educação popular em saúde, com o cuidado integral disponível para acesso da classe trabalhadora, no qual, o cuidado prestado é voluntário, não mediado pela lógica do capital.

### **3. EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE**

Na discussão sobre educação popular em saúde é imprescindível a reflexão sobre o pensamento filosófico freiriano acerca da educação popular na perspectiva de transformação social por meio da educação orientada para a liberdade. Questiona a educação hegemônica bancária com o objetivo de manutenção do *status quo*, da ideologia dominante, que aprisiona e oprime as classes populares, e que reforça a injustiça e a desigualdade social. Defende a valorização dos saberes e culturas populares, o diálogo, o respeito e a amorosidade, como forma de resistência.

De acordo com Nespoli et al. (2020), a força da filosofia freiriana e de seu amor ao saber vão além da Educação e atravessam outros campos, ajudando a pensar diversas práticas no processo de construção do humano e do mundo. Sendo assim, percebe-se em suas ideias uma noção de cuidado – indissociável do processo de humanização que precisa de diálogo, escuta, humildade, amorosidade e reconhecimento dos saberes e culturas populares – fundamentando um novo campo, o da Educação Popular em Saúde. Desse modo, o pensamento freiriano nos provoca a refletir sobre as múltiplas possibilidades e dimensões do saber popular a partir da realidade vivida, de suas experiências, representações e controle social, aliadas ao conhecimento científico, enquanto práxis, em direção à construção de um novo projeto societário baseado pelos princípios de igualdade e justiça social.

De acordo com a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS), instituída pela portaria nº2.761 de 19 de novembro de 2013, a Educação Popular no campo da saúde, ocorre na década de 1970 num cenário de exclusão das camadas populares do acesso às políticas públicas desencadeando um intenso processo de mobilização social, nos grandes centros urbanos, contra o sistema opressor.

Paralelamente, ocorre nas universidades brasileiras a criação dos Departamentos de Medicina Preventiva e Social, e os projetos de Medicina de Família e Comunidade, além da implantação e fortalecimento de projetos de extensão universitária em consonância ao movimento ideológico da Medicina Comunitária. É nesse cenário que se estabelecem diversas práticas



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

comunitárias que fortalecem a Educação Popular em Saúde compreendida por esta PNEPS, como uma conjunção de saberes, vivências e práticas que se opõem a situação de opressão e exclusão social. Desse modo, com a continuidade das práticas pedagógicas nos diversos movimentos sociais, a Educação Popular em Saúde se fortalece e se constitui em seus espaços localizados nas universidades, nos serviços de saúde e nos movimentos sociais, enquanto instrumento para as lutas populares. Ainda de acordo com esta Política, a Educação Popular em Saúde infere o conhecimento como produção histórico-social dos sujeitos, construído a partir do diálogo. Nessa perspectiva, Brito et al. (2024) asseveram que o campo da Educação Popular em Saúde (EPS) consolidou-se além de demonstrar-se relevante no processo de superação da Educação em Saúde com abordagem verticalizada e temáticas tecnicistas, em favor da educação articulada ao cuidado emancipador (Brito et al. 2024, p. 5).

Com a criação do SUS, ocorre o processo de legitimação e a institucionalização da abordagem de Educação Popular em Saúde e em 2006, o Ministério da Saúde emite a Portaria Nº 971 que aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, consolida e define as abordagens das PICS no SUS tendo como referencial a crescente legitimação destas práticas, por parte da sociedade. Ainda de acordo com esta Política as Práticas Integrativas e Complementares atuam no campo da prevenção de agravos e promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em modelo de atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo.

O Ministério da Saúde considera que as PICS são abordagens terapêuticas que têm como objetivo prevenir agravos à saúde, a promoção e recuperação da saúde, com ênfase na escuta acolhedora, na construção de laços terapêuticos e na conexão entre ser humano, meio ambiente e sociedade. Atualmente, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece, de forma integral e gratuita, 29 procedimentos de Práticas Integrativas e Complementares à população e estão presentes em 54% dos municípios brasileiros.

Segundo Júnior (2016), o avanço na implementação das PICS pode ser entendido como expressão de um movimento que se identifica com novos modos de aprender e praticar a saúde, já que essas práticas se caracterizam pela interdisciplinaridade e por linguagens singulares, próprias, que em geral se contrapõem à visão altamente tecnológica de saúde que impera na sociedade de mercado, dominada por convênios de saúde cujo objetivo precípuo é gerar lucro e fragmentar o tratamento do paciente.

Ainda de acordo com o autor, é preciso garantir a posição da saúde pública como um



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

lugar de debate de ideias, enquanto espaço permanentemente aberto para refletir sobre a transformação das práticas de saúde. Corroborando com esse pensamento, Andrade (2021 p.18) assevera que as práticas de cuidado e formação implementadas no espaço Ekobé da Universidade Estadual do Ceará fundamentam-se na PNPIC por considerarem as pessoas em todas as dimensões humanas e por considerarem o cuidado além da dimensão biomédica. Reforça-se desse modo a assertiva de que é possível implementar outras formas de se produzir saúde e autocuidado.

#### **4. AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES DE SAÚDE NO EKOBÉ E SEUS CUIDADORES**

Em primeiro lugar, antes de se falar sobre as práticas integrativas de saúde ( PICS) que ocorrem dentro do Espaço Ekobé, deve-se compreender o que é esse centro de cuidado e de formação de cuidadores que se localiza dentro da instituição de ensino superior UECE. Como diriam os cuidadores deste local:

É um lugar para se desconectar do mundo, onde o que mais se vê ao redor é o verde que segue o ritmo do vento, ao som do canto dos pássaros. Um ambiente que convida para ficar, respirar, relaxar, curar e até tomar um café e prosear. Um espaço construído a muitas mãos, com simplicidade e sustentabilidade. (CEARÁ, 2023)

Esse é o Espaço Ekobé, vinculado à UECE, um movimento social e popular, um espaço de cuidado e formação que tem como base o princípio da solidariedade e da corresponsabilidade, onde todos são bem-vindos para receberem cuidados e, depois, ter a oportunidade de formação para também cuidar dos outros e do ambiente. A atuação desse espaço é ampla, sendo uma de suas principais atividades a oferta de cuidados, que podem ser individuais, como Reiki, Barra de Access, Auriculoterapia, Escalda Pés e Massagem de Som; e coletivos, com Biodança, Yoga, cuidado com as Taças Tbetanas e outros sons, Diálogos e Silêncios para o Cuidado de Si e Constelação Familiar.

O Ekobé existe desde 2005, sendo institucionalizado pela Uece, enquanto laboratório misto (ensino-pesquisa-extensão), a partir de 2018, intitulado Laboratório Ekobé: Cultura, Cuidado e Educação Popular em Saúde, conforme a Resolução nº 1454/2018. O Ekobé foi criado como iniciativa de movimentos sociais ligados à Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS) durante encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na UECE. Por meio de articulações, o movimento ganhou espaço no campus Itaperi, como conta a educadora popular e cuidadora Vera Dantas, membro do Coletivo Gestor e

uma das fundadoras do Ekobé:

O primeiro Espaço foi construído pelos movimentos populares e os indígenas da etnia Tapeba. Posteriormente, foi construído um novo Espaço mais amplo com recursos do Ministério da Saúde, por meio da Política Nacional de Educação Popular e Saúde (PNEPS). (CEARÁ, 2023).

Desse modo, graças ao eixo de política de “Formação” da PNEPS, o Ekobé conseguiu recursos para a realização de um curso de Permacultura e, a partir dele, foi realizada a construção do Espaço Ekobé hoje existente. O Ekobé é um espaço marcado pela cultura popular e a efervescência de ideias e atividades sociopolíticas, como também em ofertas de práticas de cuidado. Onde os usuários aprendem a sentir prazer em seus momentos individuais de introspecção, observando corpo e mente. O Ekobé disponibiliza práticas de cuidado baseadas no princípio da educação popular em saúde para comunidade universitária e comunidade em geral.

O Espaço Ekobé está localizado em um ambiente rodeado por árvores e construído em forma circular, de forma sustentável através do conhecimento da “permacultura, um método de construção que tem como base a ecologia sistêmica e as conexões entre diversos elementos de um sistema, se utilizando de materiais como barro e madeira para se erguer imóveis” (Dantas, 2019), incentivando a sustentabilidade e preservando a natureza, integrada com as atividades humanas.

Decerto o Espaço Ekobé hoje conta com 11 práticas integrativas de saúde. Contudo, o Reiki é a prática mais procurada, pois ela é uma das que tranquiliza a mente e traz equilíbrio e bem-estar para o corpo e mente, amenizando sintomas de ansiedade e depressão que tanto afetam a vida e a produtividade profissional e social dos indivíduos (Dantas, 2019).

Assim, as PICS podem ser uma potente alternativa para aliviar os processos de adoecimento dos cidadãos que delas necessitam. Algumas PICS são ofertadas pelo SUS, mas esta oferta é mínima por falta de investimento em capacitação para profissionais por parte do Estado em todo território brasileiro (Nascimento et al., 2018).

As PICS podem ter seu maior reconhecimento se forem inseridas em instituições de nível superior como disciplinas obrigatórias em cursos da área da saúde como nos Estados Unidos, Canadá, México, Reino Unido, Alemanha, Taiwan, Japão e Coréia que já se utilizam desse método (Nascimento et al., 2018).

No caso dos cuidadores do Ekobé, alguns realizaram suas formações pro conta própria, mas no caso específico do Reiki, as formações foram realizadas no próprio Ekobé por meio de cursos de extensão universitária, como relata Dantas (2018, apud Andrade, 2021).

Sendo assim, nota-se que grande parte dos cuidadores que prestam trabalho



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

voluntário no Espaço Ekobé tiveram suas formações proporcionadas pelo próprio Espaço e muitos chegaram ao Ekobé, inicialmente para serem cuidados. E depois de capacitados, passam a retribuir o cuidado recebido por um compromisso com a solidariedade e a corresponsabilidade pelos indivíduos atendidos no local.

Neste artigo são apresentados os dados referentes ao perfil dos cuidadores que realizam atividades com as PICS no Espaço Ekobé. Foram entrevistados dez cuidadores sendo que oito são mulheres cis com idades entre 55 e 77 anos. É importante destacar o papel histórico de cuidado atribuído as mulheres, ao mesmo tempo que também são as mulheres que mais buscam o Ekobé para serem cuidadas. Dois cuidadores são homens cis com idades entre 55 e 58 anos. Quanto à escolaridade, nove têm nível superior e uma com nível fundamental. Entre as ocupações dos cuidadores extra Ekobé registra-se: duas são terapeutas e artesãs, uma atuando na sua área e outra aposentada; dois terapeutas também atuando na área como profissionais autônomos; uma esteticista, duas pedagogas, uma em exercício da profissão e outra aposentada; uma supervisora educacional, uma vendedora especializada em massoterapia e fitoterapia e uma médica de família e comunidade especializada em homeopatia. Dos dez cuidadores, apenas três têm vínculos formais de trabalho, duas aposentadas e cinco atuam como trabalhadores autônomos, ou seja, metade dos cuidadores não estão inseridos no mercado formal de trabalho. No que se refere à renda familiar, três recebem até um salário mínimo; um recebe de um a dois salários mínimos; um recebe de três a quatro salários mínimos, três recebem mais de cinco salários mínimos e dois não informaram a renda. Refletindo sobre os vínculos de trabalho e a renda, observa-se como a maioria dos cuidadores são afetados pelas condições de trabalho precário sem proteção social e/ou baixa remuneração. E mesmo assim, ainda têm tempo para se dedicarem ao trabalho voluntário no Ekobé.

Na questão sobre autorreconhecimento étnico entre homens e mulheres, seis se autoidentificam como pretos(as) ou pardos(as), três brancos(as) e uma indígena. No item religiosidade, cinco se declaram católicos, quatro espiritualistas e uma se autodeclara sem religião.

Ao serem perguntados sobre seu processo saúde-doença e se possuíam alguma enfermidade e quais os espaços de cuidado eram utilizados por esses cuidadores. As condições de saúde referidas foram: hipertensão, intolerância à lactose, problemas de coluna, ansiedade, pedras nos rins, diabetes, entre outros. Como também, alguns afirmam não possuir nenhuma enfermidade e consideram-se saudáveis. Quanto ao espaços de cuidados que eles utilizavam



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

para seu tratamento, alguns mencionam que é com as práticas do Ekobé e em casa mesmo com uso de chás e produzindo os medicamentos fitoterápicos de forma natural como podemos notar na fala de um dos entrevistados:

[...] a coisa mais difícil é eu sentir uma dor eu acho que está com mais de 20 anos que eu não sei o que um comprimido para qualquer situação de dor [...] toda noite eu tomo chás, chás terapêuticos aqueles chás que a gente conhece e também a gente faz muito uso das práticas integrativas, por exemplo, um xarope expectorante então a gente mesmo produz, a gente mesmo faz, sentiu qualquer gripezinha ou qualquer coisa a gente esses produtos naturais e artesanais como a gente chama caseiros. (Entrevista cuidador n° 2)

Nesse contexto, percebe-se que o Ekobé proporciona tanto aos cuidadores como aos usuários um ambiente acolhedor e seguro, no qual eles se sentem confortáveis e amparados. Facilitando o bem-estar físico e lhes proporcionando melhorias na saúde, pois as práticas integrativas e complementares de saúde trabalham o indivíduo como um todo: físico e mental. Organizando suas emoções e disseminando substâncias naturais que promovem a saúde no corpo humano.

Um ponto que merece destaque nesta discussão é sobre a eficácia das PICS, dada pelos padrões científicos. Geralmente, há exigências de evidências científicas sobre segurança e eficácia para tratamentos não convencionais, contudo, para muitas PICS, ou não tem pesquisas, ou falta consenso quanto à eficácia. “As racionalidades vitalistas poderiam ser reconhecidas e legitimadas mesmo sem consensuais evidências biomédicas sustentando-as” (Faqueti; Tesser, 2018 apud Bezerra; Negreiros; Morais 2020, p. 5), devido a um reconhecimento social por parte dos usuários e a segurança das práticas com baixo risco de iatrogenia.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou algumas reflexões sobre o papel direto e indireto que o capitalismo impacta nos processos de saúde-doença-cuidado em nossa sociedade. Por outro lado, as lutas e os movimentos sociais, fizeram com que novas práticas de cuidado fossem reconhecidas pelo Estado e inseridas no SUS mesmo que de forma mínima. Entre estas cita-se a educação popular em saúde e as práticas integrativas e complementares de saúde oferecidas em um espaço público, que consegue resgatar as raízes coletivas e nativas de nossos povos com seus fundamentos naturalistas. Os cuidados oferecidos no Ekobé podem contribuir para reduzir os impactos da ideologia capitalista que fragmenta corpo e mente, e as formas de cuidado.

Em resumo, conclui-se que às Práticas Integrativas e Complementares no Espaço Ekobé é uma junção de um trabalho coletivo onde se articulam conhecimentos científicos e



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

populares para produção do cuidado. No espaço Ekobé tudo funciona como uma ciranda onde todos dão as mãos para que essa roda gigante venha a fluir e progredir para um futuro de igualdade, equidade, solidariedade e inclusão.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Dimensões da Precarização do Trabalho**: Ensaios de Sociologia do Trabalho. 1. ed. Bauru: Canal 6, 2013.

ANDRADE, M. M. **A Educação Popular na Construção da Formação em Terapia Reiki no Espaço Ekobé**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-Ceará, 2021.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Adeus ao Trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

AYRES, J.R.C.M. Cuidado e reconstrução nas práticas de saúde. **Interface – Comunic. Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.73-92, set.2003-fev.2004.

BEZERRA, V. O; NEGREIROS, R. A. M; MORAIS, M. S. T. Práticas integrativas e complementares na residência em Medicina de Família e Comunidade: um relato de experiência. **Rev Bras Med Fam Comunidade**. Rio de Janeiro; 15(42):2087, jan-dez, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do SUS - PNEPS-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRITO, P. N. A; SANTANA, E. L. P; MORAES, O. A; SILVA, J. C; CRUZ, P. J. S. O que se tem discutido sobre Educação Popular em Saúde nos últimos anos: uma revisão narrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva** 29 (6) :1-11, 2024.

CEARÁ. Universidade Estadual do Ceará. Uece. **Espaço Ekobé e a força do princípio da solidariedade**. 2023. Disponível em:  
<https://www.uece.br/noticias/espaco-ekobe-e-a-forca-do-principio-da-solidariedade/#:~:text=O%20Ekob%C3%A9%20foi%20criado%20como,encontro%20da%20SBPC%20na%20Uece>. Acesso em: 29 maio 2023.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

DANTAS, M. de A. **Espaço Ekobé em Reconstrução: Diálogos entre Educação Popular e Permacultura na Perspectiva da Promoção à Saúde.** Trabalho de conclusão de curso Escola Fiocruz de Governo para título de Especialista em Promoção, Vigilância, Saúde, Ambiente e Trabalho. Fortaleza, 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade. 3:** o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

HIANY, N. et al. Perfil Epidemiológico dos Transtornos Mentais na População Adulta no Brasil: uma revisão integrativa. **Rev. Enfermagem Atual.** 86, 2018. Disponível em: <https://www.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/676/584>. Acesso em: 18 ago. 2024.

JUNIOR, E. T. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. Estudos Avançados. **Metrópole E Saúde.** Estud. av. 30 (86).jan-Apr.2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/gRhPHsV58g3RrGgJYHJQVTn/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

NASCIMENTO, M. C. do; ROMANO, V. F; CHAZAN, A. C. S; QUARESMA, C. H. Formação em práticas integrativas e complementares em saúde: desafios para as universidades públicas. **SciELO**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 751-772, 16 abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/4PGykgCDsjXR3BjJYMqvrts/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

NESPOLI, G; PARO, C. A; LIMA, L.O; SILVA, C.R.A. Por uma pedagogia do cuidado: reflexões e apontamentos com base na Educação Popular em Saúde. **Interface** (Botucatu). 2020

VIAPIANA, V. N; GOMES, R. M; ALBUQUERQUE, G. S. C. Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Saúde Debate.** Rio de Janeiro, v. 42, n. especial 4, p. 175-186, dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Y36fDqvZL5Js4nnWpXrYpBb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 ago. 2024.

WANZELER, MC. **O cuidado de Si em Michael Foucault.** 2011. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.